



MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

Kelly Cristina da Silva

Resumo

O artigo reflete sobre o uso da rede social Facebook como ferramenta na valorização da corporeidade da mulher negra, em especial os cabelos, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como cidadãs. Pretende-se identificar se a escolarização interfere na qualificação dos argumentos usados na participação dessas mulheres nos grupos/comunidades do Facebook em relação à temática do cabelo afro-brasileiro. Contaremos com as contribuições de Nilma Lino Gomes, que trabalha com a questão estética do corpo negro e sua relação social em ambiente escolar e não escolar; Stuart Hall com postulados referentes ao processo de reconstituição da identidade cultural em meio às características intrínsecas do mundo contemporâneo e Kabengele Munanga enfatizando o reconhecimento dos valores da cultura negra como possibilidade de métodos educativos. A pesquisa qualitativa contribuirá para investigar a existência ou não de incidência do uso da rede social Facebook sobre a valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra e educanda da Educação de Jovens e Adultos, com foco em cabelo crespo.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Educação de Jovens e Adultos (EJA), FACEBOOK.

INTRODUÇÃO

Se pensarmos que a tecnologia está para além do produto palpável como celulares, softwares, computadores, tablets entre outros, e que a rede social é um rizoma que condensa as relações entre os indivíduos, podemos concordar com Serrão que “Rede Social Online (ou *OSN* do termo inglês *Online Social Networking*) é a representação virtual das interações entre pessoas, ou seja, uma simulação das redes sociais reais” (SERRÃO, 2011, p. 925).



Encontramo-nos diante de uma rede social que, para alguns profissionais da educação, não possui correlação com a rede social online, o *Facebook*. Problemática que se constitui pelo pilar de uma metodologia tradicional, em que o professor é o ator principal da sala de aula e os recursos didáticos restringem-se a utilização do livro. Desta maneira, “estudava-se o que ele deveria fazer, como teria que se portar, e a responsabilidade no aprendizado era atribuída a ele” (SERRÃO, 2011, p. 924).

A partir desta afirmativa, o presente artigo busca identificar a existência ou não de incidência do uso da rede social *Facebook* sobre a valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra e educanda da Educação de Jovens e Adultos, com foco em cabelo crespo, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como cidadãs. Com isso, pretende-se analisar como os conceitos de raça e gênero são difundidos por grupos e comunidades na Rede Social Facebook. Se a difusão de conhecimento por estas mulheres está relacionada com as práticas de acesso percebidas nos Grupos de Discussão a que se adicionam e se este partilhar de informação e conhecimento incide no discurso e no processo de (re)constituição da identidade feminina negra, educanda da EJA.

Os conceitos que serão trabalhados ao longo da pesquisa dialogam e coexistem com a concepção de sujeito num contexto mais amplo e específico, como o adotado nesta pesquisa. São variantes sociais decorrentes de nossa contemporaneidade refletidos na forma de se identificar e se reconhecer como parte do processo de inclusão em todos os âmbitos.

1. Tema

As mulheres, negras e cidadãs, ao longo de suas vidas, sofrem vários tipos de preconceito e discriminação, sendo que muitos deles ocorridos em espaço escolar. São episódios que afetam muito o modo de ser dessas mulheres, tornando-as crianças



tímidas e introspectivas. Até o momento em que resolvem dar um basta a tudo que as limitam por conta de suas características étnicas. Dessa maneira, concordamos com SOUZA ao afirmar que se reconhecer como negra é

viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p. 17-18)

Os efeitos dessas experiências nos leva a refletir sobre o papel e a interferência da escola na constituição da identidade das jovens negras. As instituições de ensino, diante da diversidade cultural, revelam-se despreparadas em atender os diferentes grupos sociais e culturais que antes não se faziam presentes. Existe uma diversidade cultural que não pode mais ser negligenciada, faz-se necessário uma conscientização por parte de gestores e docentes para encaminhar uma educação relativa ao valor da etnicidade, ou seja, etnias e culturas diversas que compõem a sociedade brasileira que produziram diferenças que precisam ser respeitadas.

Por ser a escola um dos primeiros contatos socioculturais para os jovens, ela, como palco do saber, tem a função de promover a importância de respeitar a diversidade existente em seu ambiente.

Os grupos sociais como o dos afro-descendentes, devem ser sujeitos de um atendimento que leve à desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações, tanto pelo papel socializador da escola quanto por seu papel de transmissão de conhecimentos científicos, verazes e significativos (CURY, 2005, p. 28).



A escola é identificada como possuidora de um o papel crível na constituição da identidade, cultural, social e política dos alunos. Podendo interferir positivamente na tentativa de atenuar a discriminação e o preconceito. E com o auxílio de projetos que vão ao encontro com os temas transversais, que compõem o conteúdo dos programas educacionais, propor ações que trabalhe com a coexistência da ampla diversidade étnica, regional, religiosa e linguística de nosso país.

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a, e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão – tarefa necessária, ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo voltado para a cidadania, uma vez que tanto a desvalorização cultural – traço bem característico de país colonizado – quanto a discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos; portanto, para a própria nação (BRASIL, 1997, p.21).

E quando falamos na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA - identificamos a presença dos termos Gênero, Relações Raciais e Juventude no universo das mulheres negras. Em que a hierarquia, com base na construção social, impõe a essas mulheres condições de vidas associadas a expressões de desigualdade, discriminação e racismo.

Em uma pesquisa recente desenvolvida para o trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mediação em Arte, Cultura e Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais, em que entrevistamos mulheres negras que trabalham com a arte, no caso danças de matriz africana, foi possível identificar a forte influência da escola em suas vidas. As entrevistadas, antes de responder as perguntas sobre a constituição de sua corporeidade negra feminina, buscavam na memória episódios



dolorosos de discriminação racial e social vivenciados em ambientes escolares para tecer suas respostas.

Algumas dessas mulheres abandonaram o ensino regular muito cedo, devido à necessidade de compor a renda familiar. Desta maneira, só voltaram a estudar anos depois buscando melhor escolarização e visando uma inserção profissional. Situação característica das educandas inscritas na Educação de Jovens e Adultos, que além de serem arrimos de família, ainda ajudam os pais. Como explana a autora Rosenilda Trindade,

duas preocupações são recorrentes nas falas das jovens negras: o trabalho e os estudos. Por meio do levantamento do perfil e da condição social em que vivem, é possível compreender que, apesar de matriculadas na EJA, essas jovens já foram e ainda são excluídas da escola e do trabalho. Embora essa exclusão não seja direta, ela se dá pela precariedade em que são inseridas no mundo do trabalho (TRINDADE, 2009, p.61).

Algumas mulheres relataram que foi também na escola que experimentaram o prazer de vivenciar sua negritude, por meio de atividades que enfatizam a valorização da cultura negra, o que foi crível para reconquistar sua autoestima e sentir orgulho de suas características de mulher negra. “A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (GOMES, 2003, p. 171-172).

Um movimento crescente em resposta a pouca atuação da Instituição Escolar começou a surgir, no intuito de promover o respeito à diversidade cultural, fazendo-se uso das redes sociais, *Facebook*, para valorizar as especificidades da corporeidade negra, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como



cidadãs. Alterando a concepção e percepção dos estereótipos pejorativos referentes à estética criada pela mídia. E como ressalta Jordão, “a mídia cada vez mais se constitui como um espaço de veiculação de elementos simbólicos que vão caracterizar a cultura (hegemônica e subalterna) que se compartilha na sociedade” (JORDÃO, 2011, p.103). Logo, a partir do emergir de um conjunto de tecnologias, a mídia e as redes sociais adquirem um papel de construção e reprodução cultural.

O termo mídia remete a diversas significações, porém as que serão entendidas, analisadas e que embasarão a pesquisa são as que fazem menção a propalação da imagem e divulgação da informação. Lembrando que a Mídia também está associada ao uso de aparelhos digitais e eletrônicos. Um fenômeno viabilizador dos processos em análise, a reprodução da corporeidade das mulheres negras via redes sociais, tanto no processo de (re)construção identitária como na produção de conhecimento.

Os autores Oliveira e Matos descrevem de maneira exímia a heterogeneidade do termo Mídia:

A definição comum de mídia acaba por apontar a certa dimensão comunicativa e informativa, além de designar um conjunto de invenções contemporâneas identificadas enquanto tecnológicas. Já no campo moral, de julgamento de tais definições, o diagnóstico é igualmente recorrente: por um lado, à mídia, entendida em sua dimensão publicitária, é atribuída o intento de ludibriar o consumidor, deformar a subjetividade, comunicar certos padrões e interpelar o desejo; já quando tomada em sua função informativa, de comunicar fatos, a mídia pode ser julgada por ser mais ou menos fiel à realidade, com menor ou maior qualidade – sem que, muitas vezes, ao menos se pergunte sobre sua inerente tarefa de criação de efeitos de verdade. (OLIVEIRA e MATOS, 2013, p.69)



Já Canclini, ao discorrer sobre as articulações entre modernidade e pós-modernidade, cultura e poder, afirma que “os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam” (1997, s.p.). Existe uma desterritorialização dos espaços e obliteração de poderes, ambos relacionados com a disseminação dos centros, a multipolaridade das iniciativas sociais, da pluralidade de referências que transcendem o confronto direto entre as classes ou ações verticais.

Em decorrência dessas questões, grupos e comunidades são formados nas páginas das redes sociais buscando compartilhar as vivências dessas mulheres. Na página do *FACEBOOK*, existem grupos intitulados como Encrespa Geral BH, Cacheadas em Transição, Crespos empoderados, Encrespando, Meninas de cabelo Crespos, Crespo tipo 4, entre outros. Cada um possui sua descrição justificando o porquê de sua criação. Em uma primeira análise verifica-se que esses grupos se dividem em dois, um voltado especificamente para a questão estética (fotos, textos, vídeos com tutoriais, penteados, etc). E outro, além da questão estética, com foco na conscientização por meio de debates, encontros e compartilhamento de artigos que falam de gênero e raça.

Uma das perspectivas dos grupos de cabelos crespos é superar a tentativa de mutilação do corpo negro imposta pela sociedade ao inferiorizar e/ou estereotipar as características corpóreas do negro em função de um padrão de beleza eurocêntrico. Neusa Santos esclarece esta situação ao afirmar que “o momento em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade (SANTOS, 1983, p.07)”. Tal situação é compartilhada nos grupos online e nos encontros por meio de palestras ou postagens, pois é na formação de pares que elas conseguem resistir às tentativas de anulação de seus corpos.



2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Averiguar a existência ou não de incidência do uso da rede social Facebook sobre a valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra e educanda da Educação de Jovens e Adultos, com foco em cabelo crespo.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar a existência de situações de construção do conhecimento por educandas negras quando da presença da temática do cabelo afro-brasileiro;
- Analisar como se efetiva essa construção de conhecimento pelas mulheres negras nos grupos/ comunidades de Facebook com a temática do cabelo afro-brasileiro;
- Identificar se a escolarização interfere na qualificação dos argumentos usados na participação dessas mulheres nos grupos/comunidades do Facebook em relação à temática do cabelo afro-brasileiro;
- Verificar situações de contribuição da rede social estudada para o cumprimento da Lei 10.639/2003.

3. Pressuposto(s) teórico(s)

Na análise da pesquisa contamos com as contribuições de autores como Nilma Lino Gomes, que trabalha com a questão estética do corpo negro e sua relação social em ambiente escolar e não escolar. Ela também confluir e orienta na análise de gênero ao descrever sobre a corporeidade negra, uma das especificidades da mulher negra. Stuart Hall com postulados referentes ao processo de reconstituição da identidade cultural do sujeito em meio às características intrínsecas do mundo contemporâneo e Kabengele Munanga que enfatiza o reconhecimento dos valores da cultura negra como



possibilidade de métodos educativos. Sobre o conceito de gênero, a autora Silvia Camurça e Taciana Gouveia nos brinda com ponderações a cerca da representatividade das relações de gênero, uma construção social, que produzem a distribuição desigual de poder em suas variações, como cultura local, classe social, raça e idade. A autora Paula Sibilia, nos orienta com sua concepção de correlação entre rede social e escola. Um viés utilizado por Paula para compreender a “crise” da escola diante das especificidades dos corpos e subjetividades contemporâneas. Utilizamos também o colaborar de Norman Fairclough quanto ao conceito de discurso. Pois, para este autor, “os discursos são representações diversas da vida social que são posicionadas inerentemente – os atores sociais, posicionados de forma diferente, ‘veem’ e representam a vida social de diferentes formas, em diferentes discursos” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 96)

Nas discussões que refere-se à Educação de Jovens e Adultos contamos com as contribuições das autoras Analise de Jesus da Silva e Rosenilda Trindade da Costa. A autora Analise realiza um estudo sobre a carência de projetos pedagógicos na EJA e, também, questiona a formação de professores para está modalidade e sua relação com os adolescentes inscritos na EJA, além de nos laurear com uma compilação denominada Estado de conhecimento sobre a EJA, na região metropolitana de Belo Horizonte. Com Rosenilda Trindade da Costa, além da discussão sobre as questões específicas da EJA, traz a questão de gênero. A relação entre a Educação e Trabalho que permeia a história de vida dessas jovens negras.

Juntamente com as contribuições dos autores citados contaremos com o auxílio e direcionamento do “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana”, com Parâmetros Curriculares Nacionais de História e dos Temas Transversais e com “As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil 120 anos Após a Abolição”.



Portanto, todos esses conceitos aqui citados dialogam e coexistem com a concepção de sujeito num contexto mais amplo e específico, como o adotado nesta pesquisa. São variantes sociais decorrentes de nossa contemporaneidade refletidos na forma de se identificar e se reconhecer como parte do processo de inclusão em todos os âmbitos.

4. Metodologia

Metodologicamente utilizaremos a pesquisa qualitativa para a compilação de informações sobre a correlação da rede social analisada no processo de construção do conhecimento das mulheres negras. A escolha pela abordagem qualitativa está associada à presença de crenças, valores e significados expressos na fala e vivência cotidiana dos sujeitos desta pesquisa. O que de acordo com a autora Minayo

a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (MINAYO, 1993, p. 245).

Tornando-se uma ferramenta eficaz ao identificar quais os tópicos da pesquisa geram uma reação emocional capaz, por meio da apuração dos dados qualitativos, descrever de forma detalhada as interações e situações vivenciadas pelo entrevistado. Dados esses, que não se enquadram em uma abordagem quantitativa, por exemplo, por convergir na compreensão e elucidação das relações sociais.



Por se tratar de características como “precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural” (GERHARDT, 2009, p.32), concluímos que a abordagem qualitativa é a ferramenta mais viável para trabalhar as especificidades desta pesquisa.

Para tanto, a observação e análise do grupo focal e a entrevista individual semi-estrutura serão os métodos para a compilação de dados que facilite a compreensão das respostas obtidas no decorrer da pesquisa.

O grupo pesquisado, mulheres negras e educandas da EJA, constitui um conjunto de indivíduos pelo qual podem perpassar diversas questões complexas, como a questão de gênero, identidade, racismo e discriminação. Ou seja, um sujeito composto por variáveis que agregam, definem e ampliam suas perspectivas sociais. Como amostragem, formaremos um grupo contendo mulheres com faixa etária de 15 anos ou mais de idade, educandas da EJA, que façam uso da rede social Facebook e sejam integrantes/participantes de Grupos de Discussão sobre cabelos afro-brasileiros.

Em um primeiro momento foi compilada uma relação dos grupos e comunidades de Facebook, que retratam a estética da mulher negra. Estes grupos/comunidades, além de tratar da questão estética, explicitam matérias e textos relacionados com os conceitos de gênero e relações raciais.

Conquanto, a perspectiva da pesquisa será analisar o discurso que se articula nessa rede social, escolar e online. E assim, espera-se averiguar a existência ou não de incidência do uso da rede social Facebook sobre a valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra e educanda da Educação de Jovens e Adultos, com foco em cabelo crespo. Essas premissas nos guiaram na escolha dos sujeitos de desta pesquisa, no caso mulheres negras, com faixa etária de 15 anos ou mais de idade, e educandas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). São mulheres moradoras da cidade Belo Horizonte, que fazem uso da rede social estudada e são integrantes/ participantes de grupos sobre cabelos afro-brasileiros. A partir desta seleção verificaremos as



demais características como profissão, renda, escolaridade, estado civil, maternidade, religião, entre outros.

A escolha por esse sujeito advém de uma primeira análise, em que foi compilada uma relação dos grupos e comunidades de Facebook, que retratam a estética da mulher negra. A observação se dará nos grupos/ comunidades que, além de tratar da questão estética, explicitam matérias e textos relacionados com os conceitos de gênero e relações raciais.

5. Análise De Dados

Após a coleta de dados, por meio da observação dos grupos/ comunidades e entrevistas semiestruturadas, utilizaremos as contribuições do método de pesquisa conhecido como Netnografia para análise destes materiais.

A Netnografia é, segundo Kozinets (Considerado o pai fundador deste método.), “uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediadas por computadores” (KOZINETS, pág. 9-10, 2014). É um método que auxilia na investigação de identidade, relações sociais, aprendizagem, entre outros. Logo quando o termo surge ele é apropriado pelos estudiosos da área de Marketing, com a ampliação das pesquisas este método passa a ser incorporado por pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas, Antropologia, estudos culturais, entre outras áreas.

Como o objetivo de nosso estudo é mostrar como o conhecimento se constrói numa plataforma virtual, em específico a rede social FACEBOOK, utilizando um discurso reflexivo entre os integrantes dos grupos /comunidades on line, a pesquisa Netnografia contribuirá para entendermos o mundo dessas pessoas, como elas se articulam mediante uma autorepresentação estética e política utilizando a tecnologia para propalar construtos via comunicação, debates e socialização.



As etapas da análise e interpretação dos dados qualitativos mediados pelas contribuições do método Netnográfico, dentre tantas, também partirão dos produtos coletados na participação e observação que serão desenhados de forma que proponha um entendimento teórico.

Essa análise Netnográfica compreende as análises de comparação, anotações, abstração e comparação e teorização. Melhor explicando cada uma dessas etapas temos:

- **CODIFICAÇÃO** – análise de códigos, classificação, nomes ou rótulos como interpretação de um novo evento, no sentido em que estruturam códigos e classificações de comunicação entre os participantes dos grupos/ comunidades.
- **ANOTAÇÕES** – reflexão mais crítica e teórica advindas da observação.
- **ABSTRAÇÃO e COMPARAÇÃO** – utilizado para filtrar e, até mesmo, classificar a codificação construído pelos participantes dos grupos/ comunidades numa perspectiva categórica. Ou seja,

“os materiais são classificados e filtrados para identificar expressões, sequências compartilhadas, relações e diferenças distintas; esse processo de abstração constrói os códigos categorizados em construtos, padrões ou processos conceituais de ordem superior ou mais gerais; a comparação considera as semelhanças e as diferenças entre incidentes de dados (KOZINETS, pág. 114, 2014).
- **TEORIZAÇÃO** – construir uma nova teoria a partir da análise dos dados e conhecimentos reflexivos.



Desta maneira, com as articulações dessas informações de análise de dados entraremos nas etapas finais da abordagem Netnográfica, que são a observação participante do grupo/ comunidade, a interpretação dos resultados e apresentação, redação e relato que a pesquisa se desenvolverá.

6. Resultados obtidos ou desejados

A pesquisa aponta para uma hipótese de que existe uma ausência das práticas vinculadas às relações étnico-raciais em ambiente escolar. Servindo de mola propulsora que fundamenta e legitima os grupos de autoafirmação negra na rede social Facebook. Fato esse, salienta que o conhecimento se desenvolve também para além dos muros da escola. Que, por sua vez, se diverge das subjetividades dos jovens de nosso século ao travar uma batalha que visa associar a escola tradicional com o universo midiático.

Dessa maneira, a pesquisa apresenta pistas que venham desconstruir o senso comum de que a rede social Facebook nada tem a contribuir para a produção de conhecimento. O intuito de nosso estudo é auxiliar na implementação de práticas educacionais associadas aos multiletramentos com o objetivo de contemplar os pressupostos da lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana.

Considerações finais

Como foi possível observar, o processo de aprendizagem ainda está associado à escola. Com esta perspectiva cultua-se que tudo que se aprende fora da escola não é concebido como um aprendizado legítimo. A pesquisa vai de encontro com esta afirmativa, mostrando que a aprendizagem extrapola os muros das escolas. Assim, as mulheres negras que compõem os grupos de Facebook em sua prática diária na rede



social virtual constroem um conhecimento / aprendizagem por meio da participação ao reconhecer-se como negra e aceitarem as especificidades de seu corpo. A participação se desenvolve numa aprendizagem sócio-cultural. Ou seja, imbuídas da prática diária de postagem de fotos, trocas de vivências, tutoriais de tratamento capilar e aceitação do tipo de cabelo, as participantes, sem perceberem, estruturam um ambiente de aprendizagem.

O surgimento de códigos para caracterizar os tipos de crespos ou demarcar a forma de “finalizar” e dar definição para os cachos do cabelo permitem um aprendizados advindo das relações entre pares. A interação direta e continua permite a (re)construção de uma identidade negra capaz de contrapor-se ao ideal de embranquecimento que leva o sujeito negro a querer destruir as marcas características de sua cor.

Sendo assim, essa aprendizagem que acontece fora dos muros das escolas pode auxiliar a implementação de práticas educacionais que atendam os pressupostos da Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Estes conteúdos, pela lei, deverão ser ministrados ao longo de todo o currículo escolar, citando as disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira como áreas especiais pra tratar o tema. Nesse inclui também o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, mostrando a importância da contribuição do povo negro nas diversas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.



Referências Bibliográficas

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. In: _____. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997. (Capítulo 7). Disponível em < <http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf>>. Acesso: em 25-abr-2015.

COSTA, Rosenilda Trindade. **Jovens negras em processo de escolarização na EJA**. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2009.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Políticas Inclusivas e Compensatórias na Educação Básica**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 124, Jan./abr. 2005, p. 11-32.

FAIRCLOUGH, Norman. **A dialética do discurso**. In: MAGALHÃES, Izabel. Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan/jun/2003.

JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. **Trabalhadoras domésticas: representação midiática e identidade**. Sociedade e cultura. Goiânia, v.14, n.1, p. 99-108, jan./jun. 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, Jul/set 1993.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. MATOS, Sônia Regina da Luz. Juventude, Mídia e estudos culturais na EJA. In: STECANELA, Nilda. (org) - **Caderno de EJA** – Caxias do Sul, RS: Educus, 2013.

SERRÃO, Tássia. Braz, Lucas M. Pinto, Sérgio Crespo C. S. Clunie, Gisela. Construção Automática de Redes Sociais Online no Ambiente Moodle. **Anais do XXII SBIE - XVII WIE**. Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011, p. 924-933.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo interconectado: Redes em vez de muros?** Revista Matrizes. Ano 05, nº02, jan./jun. 2012, p. 195-211. São Paulo – Brasil.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Edições Graal. Coleção Tendências – vol. 04. 1983.

STECANELA, Nilda. **Juventude, mídia e estudos culturais na EJA**. In: Caderno de EJA. Caxias do Sul, RS: EDUCUS, 2013. 4 v.